

---

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A CRIAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA PROMOVER A IMAGINAÇÃO INFANTIL

Daniela Nascimento Andrade Queiroz<sup>1</sup>

**Resumo:** A prática de contar histórias é uma ação milenar utilizada por nossos ancestrais para transmissão e compartilhamento da cultura e identidade grupal. A prática da “contação de histórias” possibilita os expectadores adentrarem no mundo da imaginação, e por isso deve ser valorizada no âmbito escolar e pela sociedade através de projetos de estímulo a leitura. O presente trabalho aborda o tema da Contação de Histórias e a Construção de Recursos Didáticos na disciplina de Fundamentos e Metodologia de Literatura infantojuvenil desenvolvida no Centro de Ensino Superior de São Gotardo pelos alunos do Curso de Pedagogia. Esse trabalho foi desenvolvido sob a perspectiva da pesquisa-ação, tendo a pesquisa bibliográfica como instrumento para uma revisão teórica visando a intercessão entre os temas “contação” de história e criação de recursos didáticos. Para isso, realizamos um diálogo com pesquisas realizadas por Freire (2006), Rocha (2012), Souza (2007) e outros autores. Entre as reflexões que aqui foram embutidas destaca-se o papel do professor que é peça fundamental no processo de ensino- aprendizagem, bem como o gosto em ler e escrever dos alunos pertencentes a Educação Básica.

**Palavras-chaves:** Contação de Histórias, Recursos Didáticos e Aprendizagem.

---

### STORYTELLING AND CREATING TEACHING RESOURCES TO PROMOTE CHILDREN'S IMAGINATION

**Abstract:** The practice of telling stories is an ancient action used by our ancestors to transmit and share culture and group identity. The practice of “storytelling” allows viewers to enter the world of imagination, and therefore should be valued in schools and by society through projects to encourage reading. This work addresses the theme of Storytelling and the Construction of Teaching Resources in the subject of Fundamentals and Methodology of Children's Literature developed at the São Gotardo Higher Education Center by students of the Pedagogy Course. This work was developed from the perspective of action research, with bibliographical research as an instrument for a theoretical review aiming at the intersection between the themes of “storytelling” and the creation of teaching resources. For this, we carried out a dialogue with research carried out by Freire (2006), Rocha (2012), Souza (2007) and other authors. Among the reflections included here, the role of the teacher stands out, as he is a fundamental player in the teaching-learning process, as well as the enjoyment of reading and writing of students in Basic Education.

**Keywords:** Storytelling, Teaching Resources and Learning.

---

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade de Franca, Complementação Pedagógica em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo – CESG, Especialista em Supervisão e Coordenação Pedagógica pela Pontifícia Universidade Católica, Especialista em Psicopedagogia Institucional pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo – CESG, Mestre em Linguística pela Universidade de Franca.

## 1 INTRODUÇÃO

O Centro de Ensino Superior de São Gotardo em parceria com o município de São Gotardo desenvolve o Projeto “Era Uma Vez...”, que consiste em um Programa de Extensão com efetiva interação entre a Instituição de Ensino Superior, os alunos do Curso de Pedagogia e com a comunidade externa, objetivando atender algumas carências da cidade.

Batizado como Projeto “Era Uma Vez...”, o encontro com as crianças no Centro de Ensino Superior de São Gotardo (CESG) tem como objetivo principal preparar os alunos do curso de Pedagogia da faculdade para atividades diferenciadas e interativas com crianças, mas além disso, possibilitar momentos de aprendizado, mesclando a contação de história, a música e a arte. Durante o encontro existe brincadeiras, atividades musicais, cotação de histórias interpretadas pelos alunos do curso de Pedagogia.

A intenção é utilizar a contação de histórias de forma apropriada nas escolas, visto que elas colaboram no desempenho das futuras atividades desenvolvidas durante o percurso acadêmico. De acordo com Souza e Bernardino (2011)

Estimular a criatividade, a imaginação, a oralidade, facilitar o aprendizado, desenvolver as linguagens oral, escrita e visual, incentivar o prazer pela leitura, promover o movimento global e fino, trabalhar o senso crítico, as brincadeiras de faz de conta, valores e conceitos, colaborar na formação da personalidade da criança, propiciar o envolvimento social e afetivo e explorar a cultura e a diversidade.

Nessa perspectiva o Projeto Era Uma Vez... envolve o contexto educacional da cidade, através da contação de histórias, mas também colabora para a produção de recursos didáticos que possibilitem atividades criativas e diversificadas as quais poderão ser utilizadas durante o estágio supervisionado e até mesmo após a formatura dos graduandos em Pedagogia do Centro de Ensino Superior de São Gotardo.

A partir do perfil da comunidade de São Gotardo o Centro de Ensino Superior de São Gotardo promove ações que reflitam em uma educação preocupada com a formação de cidadãos conscientes de seus deveres e direitos e engajados na melhoria da sua qualidade de vida e prática formativa.

Nesse contexto a atividade foi desenvolvida com 18 (dezoito) discentes do Curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de São Gotardo, cuja a metodologia proporciona uma maior interação por meio da confecção de recursos didáticos, instigando

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	2024 - Vol. 15 - Número 2
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaocultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaocultura</a>	<a href="mailto:rev.edu.cult@cesg.edu.br">rev.edu.cult@cesg.edu.br</a>

a imaginação, criatividade, promovendo a expressão de linguagem e melhoria no processo de formação docente.

O ato de ouvir histórias permite um contato mais próximo com o universo imaginário e criativo, recuperando tradições, descobertas, desejos e até mesmo reflexões sobre acontecimentos do cotidiano.

Para Maria Elisa de Araujo Grossi (2006) contar histórias é diferente de ler histórias isso porque:

O contador recria o conto junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público. Já o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa, bem como as escolhas lexicais do autor. Muitas vezes a contação de histórias abre caminho para que muitas outras leituras do texto contado sejam feitas.

Contudo, as crianças vivenciam a potencialidade da contação de histórias através da distinção de dois mundos o fictício e o real e com o auxílio desse momento lúdico, mobilizam o desejo em ler, conhecer novas histórias em contextos diversificados.

Este artigo é desenvolvido através de pesquisa bibliográfica de cunho exploratório com contribuições de leituras e análises de textos de Freire (2006), Grossi (2006), Rocha (2012), Souza (2007). Como também esteve pautado na experiência e aplicabilidade do projeto Baú de Histórias, que favoreceu a presente análise mediante as práticas de contação de histórias com crianças de 6 (seis) e 9 (nove) anos de idade.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foram realizadas leituras para apontar o desenvolvimento da ideia de contação de histórias e a confecção de recursos pedagógicos. Contudo, outras leituras foram essenciais para alcançar os objetivos propostos, como a reflexão dos autores que abordam a contação de histórias como Abramovich (1993), e Grossi (2006).

Culturalmente, o conceito contação de histórias é bem antigo, visto que surgiu antes mesmo da escrita, pois, desde o princípio a humanidade sentia a necessidade de repassar, através da oralidade, fatos históricos que faziam parte do passado de cada povo.

Busatto (2006) destaca a importância que os povos originários ofereciam aos círculos formados para retratar acontecimentos do passado de seu povo para as gerações. Ele também elenca atitudes realizadas pelo maior conhecedor da tribo

[...] o pajé, que tinha só ele, os segredos da arte de dizer, deixou de ser um mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos (Busatto, 2006, p.17).

Há muito tempo atrás, quando a noite chegava, os familiares e vizinhos próximos se reuniam em volta de fogueiras ou até mesmo à luz da vela, ou lamparina para contar histórias. Em algumas regiões do Brasil esse encontro tinha o intuito de contar “causos” como relatado pelo escritor

histórias vividas pelas pessoas ou contadas por outras, que podem ser tanto acontecidas como inventadas, ou com partes reais e partes transformadas por quem conta, pois como diz o ditado popular: “quem conta um conto aumenta um ponto”.(Thiago)

Essas histórias podem ser engraçadas, de terror ou mesmo com acontecimentos tristes, mas a ideia é despertar a imaginação e a criatividade, fazendo com que as crianças viajem para outros tempos, lugares e épocas, esses contos populares chamados de “causos” possuem uma particularidade encontrada apenas no sudeste brasileiro, devido a miscigenação de povos europeus, com originários e os povos africanos como diz Candido(2017) em seu livro Literatura e Sociedade.

O autor também relata fatos importantes sobre a cultura desse local nomeado por ele como “região da grande Caiapônia”, pois o sudeste era atravessado por tropeiros, levando gado da região Sul para as outras regiões do Brasil, primeiramente em mulas e depois em cavalos. Esse caminhar de histórias verdadeiras ou inventadas propiciou a cultura caipira do Grande Caiapônia a se espalhar pelo interior do país.

Sendo assim, a contação de histórias e os “causos” se incorporavam a cultura, fazendo com que as memórias dos antepassados permaneçam vivas e não perdidas no tempo.

### 3 RECURSOS PEDAGÓGICOS E DISCUSSÃO

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	2024 - Vol. 15 - Número 2
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:rev.edu.cult@cesg.edu.br">rev.edu.cult@cesg.edu.br</a>

Ao compreender que a instituição escolar é um espaço onde a contação de histórias deve acontecer sempre, devido às crianças passarem boa parte do seu tempo na escola, é fundamental desenvolver o tema na organização escolar para que a imaginação e a criatividade aconteçam de forma fluida.

A escola, como espaço de conhecimento e de troca de experiências tem condições de implantar ações e métodos de ensino para que essa prática pedagógica e também, a produção de os recursos didáticos dentro de sala de aula colaborem para que a contação aconteça de forma efetiva e continua.

Dentro dos muros escolares, portanto, existe diversas oportunidades de desenvolvimento da contação de histórias que ainda não foi incluído no currículo do sistema de ensino, destinando tempo e condições específicas para que ele aconteça.

Para tratar da contação de histórias na educação infantil e no ensino fundamental foi realizada uma proposta para os discentes do Curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de São Gotardo.

Primeiramente o planejamento da aula em questão, a escolha de livros pertinentes ao tema e atividades posteriores a apresentação da história. A escolha dessa metodologia de trabalho foi devido a carga de ensinamentos e lições que os educandos, independente, da idade aprendem durante o processo de escuta de histórias. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998, p.141), estabelece que:

a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura.

Cada vez, que ouvimos histórias, resgatamos memórias culturais e afetivas, fundamentais para descobrir quem somos e como lidamos com os outros. Além disso, através de livros, textos, histórias curtas, crônicas, e outros gêneros textuais é possível aprender de maneira prática, prazerosa e didática. O ato de ouvir ou assistir uma história é instigante a todos os sujeitos, independente da faixa-etária, em especial a criança que está no processo de desenvolvimento físico e mental consegue aguçar a imaginação e também aumentar o conhecimento de novas palavras.

Abramovich (1993, p. 24) descreve que:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 <b>Centro de Ensino Superior de São Gotardo</b>	2024 - Vol. 15 - Número 2
<a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura</a>	<a href="mailto:rev.edu.cult@cesg.edu.br">rev.edu.cult@cesg.edu.br</a>

Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... o livro da criança que ainda não lê é a história contada.

Ainda com a autora Abramovich (1993, p.16) que afirma a respeito das histórias contadas para crianças:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo (...). Como percebemos a contação de história é uma ferramenta que deve ser inserida desde o início da vida escolar, é através da mesma que a criança tem o primeiro contato com o mundo literário, conseqüentemente, poderá tomar gosto pela leitura.

No Curso de Pedagogia, os acadêmicos construíram o livro sem palavras e o as cenas mudas, recursos pedagógicos que auxiliam na contação de histórias de maneira lúdica, aproximando as crianças do ensino fundamental da leitura, e da potencialidade de ser um leitor crítico e reflexivo.

Através da construção do livro sem palavras e das cenas mudas, no Projeto “Era Uma Vez...” os expectadores da história puderam ver as imagens de forma aumentada e manipulá-las em seguida. Após a contação, realizou-se uma roda de conversa, ampliando os conhecimentos sobre o tema contido no livro e propiciando a fala daqueles que passaram por momentos parecidos como os protagonistas.

A turma foi dividida em oito equipes e os livros foram escolhidos por cada grupo. Nesse momento escolhemos o autor Ziraldo, escritor e cartunista brasileiro que se dedica a escrever para crianças. Os livros que participaram dessa prática pedagógica foram Menina Ninas: duas razões para não chorar, O bichinho da maçã, O menino marrom, A turma do Pererê, Cada um mora onde pode, todos com T, O menino da água e o planeta Netuno e a Turma do Pererê: coisa do coração.

**Imagem 1** – Reprodução do livro “O menino marrom” em cenas mudas



Fonte: Departamento de Comunicação CESH

**Imagem 2** - Reprodução do livro “O menino e seu amigo” em cenas mudas



Fonte: Departamento de Comunicação CESH

**Imagem 3 – Reprodução do livro “Menina Nina” em cenas mudas**



Fonte: Departamento de Comunicação CESG

**Imagem 4 - Reprodução do livro “O bichinho da maçã” em cenas mudas**



Fonte: Departamento de Comunicação CESG



**Imagem 5** - Reprodução do livro “Gibi do Pererê e O planeta azul” em cenas mudas



Fonte: Departamento de Comunicação CESH

**Imagem 6** - Reprodução do livro “Todos com T” em cenas mudas



Fonte: Departamento de Comunicação CESH

**Imagem 7 - Reprodução do livro “A turma do Pererê” em cenas mudas**



Fonte: Departamento de Comunicação CESG

A proposta para explorar os livros acima deve ser desenvolvida no ensino fundamental, visto que a faixa-etária deve estar curiosa para conhecer a histórias.

Ademais, versa-se sobre os rumos da escola e do conhecimento. Como o autor Coêlho (2009) nos alerta sobre o real sentido da escola, do conhecimento, e de todas as atividades desenvolvidas para a comunidade interna e externa a instituição como as artes e as linguagens.

O importante é refletir sobre a formação não somente do aluno, mas Coêlho (2009) convida a pensar sobre a formação humana, do homem que vive em sociedade e se interessa pelo bem comum, que percebe a incompletude da vida, da ciência, dos saberes e de si mesmo, compreende o significado do conhecimento vivo e se vê em constante formação e transformação.

Essa estratégia desenvolvida em sala de aula foi muito interessante, visto que todos participaram, na construção do material, na leitura do livro, no planejamento e também na exposição do enredo.

Durante as apresentações houve sentimentos de alegria, dor, entusiasmos, animação e durante algumas explanações o choro chegava de mansinho.

Outro detalhe importante que Boto (2017) relata é que

a formação crítica e humanizadora pode despertar na criança a habilidade de se colocar no lugar do outro, a capacidade de enxergar além de si mesmo, a piedade defendida por Rousseau. Possibilita pensar e preocupar com o coletivo e o bem comum, a partir de um embasamento lógico simples: desejar para as outras pessoas, aquilo que se deseja e se idealiza para si próprio. Esta seria inclusive uma característica exclusiva dos seres humanos, afirma Rousseau, pois não agindo por instinto – como os animais – o homem consegue estabelecer relações de convivência e reciprocidade (BOTO, 2017)

Sob essa perspectiva deve-se refletir nas relações sociais que cada criança possui dentro e fora da sala de aula, mas também nas possibilidades de ressignificar os laços afetivos, partindo da aprendizagem a longo prazo estabelecida através da contação de histórias.

O vivenciar faz parte do processo de aprendizagem e nada mais importante do que oportunizar essas vivências através da explanação, contação, do reconto ou até mesmo através de uma roda de conversa. Enfim, é refletir, de forma construtiva, quando escutamos histórias.

Os alunos que fizeram parte desse projeto relataram o quanto foi prazeroso a construção do material, o planejamento para a contação e também a sua execução. Além disso, elencaram sobre a relevância de treinamentos, capacitações e conhecimentos referente a como organizar o espaço de contação, conhecer o enredo com profundidade, se for necessário trocar e adequar palavras se elas não forem pertencentes a faixa-etária do público.

Compreender como o projeto chegou até ali, faz com que os alunos da Graduação do Curso de Pedagogia entendam a potencialidade da educação, bem como as atividades desenvolvidas nas escolas, atualmente, pois elas podem oferecer momentos prazerosos, lúdicos e principalmente de conhecimento que ainda pode ser explorado através de novas reflexões e contextos diferenciados.

A construção de recursos pedagógicos é o primeiro passo para transformação de aulas monótonas em momentos dedicados a atividades que motivam a leitura e a interpretação de temas ainda não discutidos na academia.

Ao final, se pode aduzir, que a escola se torna um forte e poderoso espaço educativo a favor da leitura, da interpretação, da criatividade e também da rupturas de paradigmas, oportunizando momentos de reflexivos, de debate, lúdico, de prazer e de arte.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o professor propõe a construção de recursos pedagógicos e aplicação destes no contexto escolar consegue ilustrar com facilidade como as práticas pedagógicas podem ser diversificadas durante o ano escolar. É importante ressaltar que os recursos pedagógicos criados e desenvolvidos por aqueles que irão aplicá-los se somam aos conhecimentos teóricos desenvolvidos pela instituição. Portanto, como Coêlho (2009 p. 65) afirma

temos dificuldades em provocar a sensibilidade, a imaginação e a reflexão dos estudantes [...]. O saber poderia ser abordado como construção, algo que foi criado, cultivado e, portanto, passível de crítica e interrogações, porque é “algo vivo”, incompleto, imperfeito e em constante transformação.

Enquanto conhecimento vivo, a literatura infantil não pode ser resumida à literatura escolar, visto que ela é um meio divulgação de conceitos e informações.

Como conclusão, denota-se que a escola deve utilizar em suas práticas o viés artístico da literatura infantil, promovendo o espírito crítico, a imaginação e a criatividade e a maneira mais fácil de propiciar isso e a criando recursos pedagógicos em os alunos irão construir com as suas habilidades, competências e criatividade.

#### REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ARAÚJO, Wellington Rabello de *et all*. O Ensino da Matemática por meio da Contação de Histórias. **Revista Brasileira de História, Educação e Matemática (HIPÁTIA)**, v. 4, n. 2, 2019. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/hipatia/article/view/473>. Acesso: 08 jul. 2024.

BOTO, C. **Instrução pública e projeto civilizador**: o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola. São Paulo: UNESP, 2017.

BUSATO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: 2006.

COELHO, I. Cultura, educação e escola. In: COELHO, Ildeu M. (org.). **Educação, cultura e formação**: o olhar da filosofia. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2009.

COELHO, Thiago Henrique Fernando. **O que os casos tem a nos ensinar**. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2021/05/>. Acesso: 08 jul. 2024.

GROSSI, Maria Elena de Araújo. **Contação de histórias**. Disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/autor/maria-elisa-de-ara-jo-grossi>. Acesso: 08 jul. 2024.

SOUZA, L. O.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Revista de Educação**. Educare. Cascavel: Unioeste Campus de Cascavel, ano 6, n. 12, p. 235-219, dez. 2011.